v7.n10.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

O SOFRIMENTO NO PROCESSO DE SIMBOLIZAÇÃO: UM OLHAR PSICANALÍTICO

SUFFERING IN THE SYMBOLIZATION PROCESS: A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

EL SUFRIMIENTO EN EL PROCESO DE SIMBOLIZACIÓN: UNA MIRADA PSICOANALÍTICA

Cauê de Lira Gonçalves[1], Caique Queiroz Freitas[1], Tiago Daniel da Silva[1], Gerson Heidrich da Silva[2]

e7109111
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i10.9111

PUBLICADO: 07/2026

RESUMO

Na tradição psicanalítica, o processo de simbolização ocupa lugar central na constituição do sujeito, na medida em que possibilita atribuir sentido às experiências e apresentá-las no campo da linguagem. Esse processo psíquico não se limita à apreensão do mundo externo, atuando também no processamento emocional e na regulação afetiva. Ao longo da vida cotidiana, o sujeito é confrontado com experiências que mobilizam angústia e sofrimento psíquico, seja por vivências próprias do desenvolvimento (como a separação mãe-bebê), seja por violências e acontecimentos que o situam no campo do traumático. O objetivo deste trabalho foi investigar o sofrimento no processo de simbolização do sujeito. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter teórico-analítico, tendo como base teórica a psicanálise. A literatura analisada permite compreender que o sofrimento psíquico não é uma consequência direta dos eventos, mas, em uma de suas possibilidades, um efeito de sua inscrição simbólica ou mesmo da ausência dela. Nesse sentido, a possibilidade de eficácia do tratamento psicanalítico está na premissa de que, por meio da fala, é possível ressignificar o sofrimento, retirando o sujeito da fixação traumática e permitindo-lhe, assim, uma nova posição na linguagem. Isso porque o sofrimento, embora doloroso, convoca o sujeito ao trabalho de simbolização.

PALAVRAS-CHAVE: Simbolização. Sofrimento. Símbolo. Psicanálise.

ABSTRACT

In the psychoanalytic tradition, the process of symbolization occupies a central place in the constitution of the subject, insofar as it makes it possible to attribute meaning to experiences and to present them within the field of language. This psychic process is not limited to the apprehension of the external world, but also operates in emotional processing and affect regulation. Throughout everyday life, the subject is confronted with experiences that mobilize anguish and psychic suffering, whether through the simple experience of development (such as mother-infant separation) or through violence and events that lead the individual into the realm of the traumatic. The aim of this study was to investigate suffering within the subject's process of symbolization. A bibliographic study with a qualitative and theoretical-analytical approach was conducted, with psychoanalysis as its theoretical basis. The literature analyzed allows us to understand that psychic suffering is not a direct consequence of events, but, as one of its possibilities, an effect of their symbolic inscription—or even of its absence. In this sense, the possibility of effectiveness of psychoanalytic treatment lies in the premise that, through speech, it is possible to reinscribe suffering, removing the subject from traumatic fixation and thus allowing for a new position within language. This is because suffering, although painful, is what calls the subject to the work of symbolization.

KEYWORDS: *Symbolization. Suffering. Symbol. Psychoanalysis.*

[1] UNISA – Universidade Santo Amaro, Graduado em Psicologia.
[2] UNISA – Universidade Santo Amaro, Docente em Psicologia e Supervisor Clínico, Mestre e Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP - FEUSP.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

RESUMEN
En la tradición psicoanalítica, el proceso de simbolización ocupa un lugar central en la constitución del sujeto, en la medida en que posibilita atribuir sentido a las experiencias y presentarlas en el campo del lenguaje. Este proceso psíquico no se limita a la captación de lo externo, sino que también interviene en el procesamiento emocional y la regulación afectiva. A lo largo de la vida cotidiana, el sujeto se enfrenta a experiencias que movilizan angustia y sufrimiento psíquico, ya sea a través de las vivencias propias del desarrollo (como la separación madre-bebé) o mediante violencias y acontecimientos que sitúan al individuo en el terreno de lo traumático. El objetivo de este trabajo fue investigar el sufrimiento en el proceso de simbolización del sujeto. Se empleó una metodología de investigación bibliográfica, de enfoque cualitativo y carácter teórico-analítico, tomando el psicoanálisis como base teórica. La literatura analizada permite comprender que el sufrimiento psíquico no es una consecuencia directa de los acontecimientos, sino, como una de sus posibilidades, un efecto de su inscripción simbólica o, incluso, de la ausencia de esta. En este sentido, la posibilidad de eficacia del tratamiento psicoanalítico reside en la premisa de que, a través de la palabra, es posible reinscribir el sufrimiento, liberando al sujeto de la fijación traumática y permitiéndole, así, adoptar una nueva posición en el lenguaje. Esto se debe a que el sufrimiento, aunque doloroso, es aquello que convoca al sujeto al trabajo de simbolización.

PALABRAS CLAVE*: Simbolización. Sufrimiento. Símbolo. Psicoanálisis.*

INTRODUÇÃO

No presente estudo, buscamos compreender as relações entre o sofrimento psíquico e os processos de simbolização, considerando sua influência recíproca, a produção simbólica e os efeitos desses processos. A partir das contribuições de Freud (2010a), buscou-se compreender a ligação entre os processos simbólicos e o funcionamento psíquico, especialmente no que se refere às manifestações de conteúdos inconscientes. Essa perspectiva pode ser colocada em diálogo com reflexões filosóficas sobre a dimensão simbólica da experiência humana, como aquelas desenvolvidas por Baudrillard (1991) e Cassirer (2021), considerando as particularidades de cada abordagem. Nesse contexto, os objetos, as situações e as relações que compõem o cotidiano passam a ser entendidos para além de sua realidade material, adquirindo significados a partir das relações estabelecidas pelo sujeito e pelos contextos simbólicos em que se inserem. Uma mesa, uma casa, uma palavra ou um gesto, por exemplo, podem assumir diferentes significados conforme as relações e experiências que os constituem.

Esse processo, denominado simbolização, constitui parte importante do desenvolvimento psíquico. Teóricos de base psicanalítica, como Roussillon (2019) e Green (2009), abordam a simbolização em sua relação com diferentes processos psíquicos. Nessa perspectiva, a simbolização participa da organização afetiva e psíquica da experiência do sujeito. Já o símbolo não se restringe a uma representação abstrata, mas constitui uma mediação entre o sujeito, o mundo e o outro.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Desse modo, o estudo contempla como principal problemática a seguinte questão: de que maneira o sofrimento psíquico pode influenciar e ser influenciado pelos processos de simbolização ao longo do desenvolvimento e na vida adulta? Para uma melhor compreensão do fenômeno, a investigação justifica-se pela necessidade de aprofundar a compreensão teórica das relações entre simbolização e sofrimento psíquico, especialmente no que se refere ao desenvolvimento e à organização afetiva do sujeito, articulando diferentes perspectivas psicanalíticas. Como objetivo, buscou-se compreender as relações entre simbolização e sofrimento psíquico, considerando seus efeitos e implicações teóricas. Em diálogo com a produção nacional contemporânea e com a literatura especializada, buscaram-se elementos teóricos que permitissem compreender os efeitos desses processos. Adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter teórico-analítico, tendo como base teórica diferentes escolas e gerações da abordagem psicanalítica; foram analisadas 31 obras, selecionadas a partir de referências presentes em artigos e livros relacionados ao tema e de buscas em bases de dados, como Google Acadêmico e SciELO.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Recorremos às obras consideradas pioneiras nessa corrente de pensamento, buscando, em autores como Freud (2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011; 2012; 2016) e Laplanche e Pontalis (2001), compreender historicamente os termos e as influências de correntes posteriores, identificando divergências quanto ao entendimento e à função da capacidade simbólica. Lacan (1998; 2008), influenciado pelo estruturalismo, pelos estudos da linguagem e pela produção intelectual francesa de sua época, revisita a teoria freudiana e amplia alguns de seus conceitos, atribuindo ao inconsciente características distintas.

Nesse contexto, Bion (2003), Klein (2023), Green (2009), Meltzer (2022), Winnicott (2022) e McDougall (1996) apresentam diferentes perspectivas pós-freudianas, que dialogam por meio de temas próximos e oferecem contribuições complementares ao estudo. Embora o trabalho não procure fundir seus conceitos, a apresentação desses autores foi fundamental para a constituição do referencial teórico. Autores brasileiros, como Levy (2022), Figueiredo e Coelho Junior (2021) e Ceron (2020), não apenas colocam diferentes autores em debate, mas também apresentam formulações que ampliam a discussão de ideias desenvolvidas em referenciais distintos.

É importante destacar a contribuição de autores de outras vertentes, que dialogam com a temática, como Fromm (2024), Maciel (2020), Cassirer (2021), Baudrillard (1991), Peirce (2020)

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

e Žižek (2015). Essas contribuições foram utilizadas com o intuito de ampliar a compreensão acerca de conceitos relacionados aos símbolos, à representação, à linguagem e ao sofrimento, tendo em mente as diferentes perspectivas teóricas desses autores.

2. METODOLOGIA

A metodologia caracteriza-se como um estudo exploratório, de abordagem qualitativa e caráter teórico-analítico, uma vez que busca analisar e compreender a influência do sofrimento no processo de simbolização. Com isso, foram utilizados livros, artigos acadêmicos, teses, dissertações e publicações especializadas relacionadas ao tema, com o objetivo de fundamentar a reflexão acerca do sofrimento e da simbolização a partir da abordagem psicanalítica. As bases de dados consultadas foram a SciELO e o Google Acadêmico, tendo sido utilizados como palavras-chave os termos sofrimento psíquico, simbolização, psicanálise, trauma, representação e mecanismos de defesa; quanto à estratégia de busca dos materiais, não foram empregados operadores booleanos. As buscas foram realizadas entre maio e dezembro de 2025, priorizando publicações contemporâneas e materiais que apresentassem relação direta com o tema.

Inicialmente, foram consultados livros nacionais contemporâneos sobre a temática, os quais, a partir de referências bibliográficas, serviram como norteadores para a identificação de outros autores e materiais relevantes para a pesquisa. Também foram incluídos autores clássicos que apresentavam contribuições pertinentes ao tema, como é o caso de Freud (2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011; 2012; 2016), considerando tanto as discussões contemporâneas quanto os conceitos tradicionalmente desenvolvidos no campo da psicanálise. Ressalta-se que a inclusão de obras clássicas, independentemente do período de publicação, foi necessária devido à sua importância para a fundamentação teórica do estudo. Embora a busca tenha contemplado 20 artigos acadêmicos, foram identificados poucos materiais relacionados à temática específica do artigo, sendo utilizados, após análise e revisão, 3 artigos, enquanto a maior parte do referencial teórico foi composta por obras de referência.

Foram excluídos os materiais escritos em outros idiomas, aqueles que não se enquadravam no recorte temporal dos últimos vinte anos, que não disponibilizavam o texto completo, que abordavam o sofrimento sem estabelecer relação com a simbolização, que não apresentavam conexão direta com o tema, que integravam essa temática a outra distante de nosso objeto de pesquisa ou que adotavam outra abordagem epistemológica. Após essa etapa, os materiais selecionados foram lidos integralmente, possibilitando a análise e a articulação dos

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

conteúdos relevantes para o estudo. Não foram identificados materiais duplicados entre os resultados selecionados.

Os textos selecionados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, buscando identificar teorias e considerações técnicas relacionadas ao diálogo entre o fenômeno do sofrimento, o processo de simbolização e o desenvolvimento dessa capacidade enquanto parte fundamental do funcionamento psíquico. A análise foi realizada em etapas de leitura, organização e sistematização dos materiais, com a identificação dos principais conceitos, autores e contribuições teóricas, nas quais se estabeleceu uma articulação entre os materiais selecionados e o referencial psicanalítico.

Durante a análise realizaram-se comparações entre as contribuições dos diferentes autores, com o objetivo de estabelecer relações entre suas formulações e a temática investigada. Os conteúdos foram organizados na discussão em cinco eixos temáticos: constituição da capacidade simbólica, repetição e sofrimento, trauma, dessimbolização e psicossomática, a simbolização e o social e linguagem, alteridade e tratamento. Ao todo, foram analisadas 31 produções, sendo 3 artigos acadêmicos e 28 livros e obras de referência. Esse conjunto de materiais possibilitou a construção de uma discussão fundamentada e integrada sobre a influência do sofrimento no processo de simbolização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise temática das 31 produções selecionadas, os resultados foram organizados em cinco eixos de discussão, apresentados na Tabela 1 – Quadro sintético do *corpus* analisado.

A análise das produções selecionadas permitiu examinar a relação entre sofrimento psíquico e processos de simbolização, identificando que esta relação constitui um eixo recorrente na literatura psicanalítica examinada. De modo geral, os estudos analisados apontam que a capacidade de simbolização se desenvolve progressivamente a partir da possibilidade de inscrição, representação e elaboração das experiências psíquicas, envolvendo diferentes níveis de funcionamento. Nesse percurso, as contribuições de diversos autores possibilitaram compreender, por perspectivas distintas, a importância da transformação da experiência em formas de representação e de sua posterior articulação com o pensamento e a linguagem. Os resultados também indicaram que situações traumáticas podem produzir dificuldades nos processos de representação e elaboração quando ultrapassam os recursos psíquicos disponíveis ao sujeito. Entretanto, a dificuldade de representação não deve ser compreendida

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

necessariamente como ausência de atividade psíquica, mas sim como uma limitação ou prejuízo nas possibilidades de inscrição e transformação da experiência. Nesse sentido, o trauma aparece relacionado às condições de elaboração disponíveis ao sujeito, podendo favorecer processos de repetição quando determinados conteúdos permanecem sem elaboração suficiente.

Por fim, os resultados indicaram que linguagem, alteridade e tratamento constituem dimensões relevantes para a compreensão dos processos de simbolização. Na perspectiva psicanalítica discutida no artigo, a possibilidade de falar, narrar e elaborar experiências pode favorecer novas formas de inscrição e transformação do sofrimento. Assim, o trabalho analítico, conforme aponta Fink (2017), pode se tornar um espaço para a ressignificação.

3.1. Constituição da capacidade simbólica

Na literatura mais antiga sobre o tema, a simbolização é apresentada como capacidade de apreensão das experiências sensíveis e das vivências externas, que, ressignificadas, passam a integrar uma rede a serviço dos desejos e do inconsciente, tornando-os mais acessíveis ao sujeito e socialmente aceitáveis. Nesse material, a simbolização é descrita como um eixo culturalmente antigo, que permeia o imaginário humano por meio de imagens provenientes da Antiguidade. Para Freud (2012), a simbolização se apresenta como resultado desse processo, diferentemente do que propõem os teóricos contemporâneos examinados.

Em sua obra “Totem e Tabu”, Freud (2012) explora a criação de culturas e estruturas que essencialmente fundamentam, por exemplo, o repúdio ao incesto, atribuindo aos animais, aos objetos e aos comportamentos símbolos que intermedeiam as relações de forma que a justiça e a família, compreendidas como garantias de boa convivência e do agir ético em sociedade, possam ser priorizadas e colocadas em prática, em diferentes gerações através do surgimento da divisão totêmica e familiar. Já a sociedade moderna, como descreve Freud (2012), rejeitou o totemismo, para que outros sistemas com suas influências fossem integrados. Esta característica – a atemporalidade – é descrita como um dos principais atributos do inconsciente.

Influenciados pelos estudos de semiótica, linguagem e percepção, teóricos como Baudrillard (1991), Cassirer (2021) e Peirce (2020), embora apresentem diferentes perspectivas sobre o fenômeno, atribuem à simbolização, entre outras, a capacidade de observação e assimilação, tornando o real um novo objeto, um simulacro da própria matéria. Essa função faz da simbolização, nessa perspectiva teórica, um guia para a interpretação da realidade.

Historicamente, a discussão sobre a simbolização pode ser relacionada, na tradição psicanalítica, ao problema da inscrição e da elaboração das experiências no aparelho psíquico; essa posição é severamente revista por outros autores, mantendo ainda assim suas principais

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

características, como pode ser notado em Laplanche e Pontalis (2001). Essa questão pode ser observada nas contribuições de Freud (2010a), particularmente em “Formulações Sobre os Dois Princípios Do Funcionamento Mental”, nas quais o autor aborda as relações entre realidade, representação e funcionamento psíquico. Ao longo de sua construção teórica, Freud também estabelece relações entre sofrimento psíquico e os destinos das representações e dos afetos. Em “A Repressão”, Freud (2010b), por exemplo, diferencia o destino do representante ideativo, isto é, a forma pela qual a pulsão encontra expressão no aparelho psíquico, daquele relativo ao afeto, indicando que o recalque incide sobre o representante, enquanto o afeto pode assumir diferentes destinos no aparelho psíquico.

Nesse sentido, enquanto o representante ideativo pode ser submetido ao recalque e permanecer afastado da consciência, o afeto pode ser transformado, encontrando diferentes formas de expressão. Em “O Inconsciente”, Freud (2010b) retoma essa problemática ao discutir as representações da coisa e as representações da palavra. No sistema inconsciente, predominam as representações da coisa, enquanto a articulação destas com as representações da palavra caracteriza o sistema pré-consciente, possibilitando que os conteúdos psíquicos adquiram uma forma verbal e possam tornar-se acessíveis à consciência. A representação, nesse contexto, pode ser compreendida como uma modalidade de inscrição psíquica por meio da qual experiências e objetos passam a integrar o funcionamento do aparelho, sem que essa inscrição corresponda a uma reprodução direta da realidade externa.

A partir dessas formulações, é possível compreender a representação como uma condição fundamental para a inscrição psíquica da experiência, sem, contudo, reduzi-la ao processo de simbolização. Enquanto a representação diz respeito à forma pela qual experiências e objetos se inscrevem no mecanismo psíquico, a simbolização envolve processos de transformação e elaboração dessas experiências e de suas representações, permitindo que adquiram diferentes formas de expressão e sentido. Desse modo, a existência de uma representação não implica, por si só, que a experiência tenha sido suficientemente simbolizada ou elaborada. Essa distinção torna-se fundamental para teóricos da psicanálise como Lacan (1998) e Roussillon (2023), que de diversas formas investigaram os diferentes níveis do processo e suas possíveis falhas. Os processos de representação e simbolização contribuem para o desenvolvimento da capacidade de mentalização, possibilitando ao sujeito atribuir sentido às próprias experiências, reconhecer estados internos e articulá-los ao campo do pensamento e da linguagem.

Ampliando o entendimento acerca do fenômeno, Roussillon (2023), em diálogo com as propostas de Bion (2003), divide a simbolização em duas categorias: a simbolização primária e

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

secundária. A simbolização primária refere-se aos processos de transformação da experiência em formas iniciais de representação psíquica, enquanto a simbolização secundária envolve a articulação dessas representações com formas mais elaboradas de pensamento e linguagem. Nesse sentido, a ausência do objeto pode favorecer a constituição de representações que possibilitam ao sujeito estabelecer uma relação simbólica com aquilo que não está imediatamente presente. No desenvolvimento da linguagem, esses processos podem ser compreendidos a partir de sua articulação e sobreposição, na medida em que as formas de representação constituídas pela simbolização primária podem ser retomadas e elaboradas por meio da simbolização secundária. Essa articulação não implica o desaparecimento das modalidades primárias de simbolização, mas a ampliação das possibilidades de representação e elaboração da experiência.

> Uma analogia interessante permite compreender esse processo. Quem se interessa pela pintura, percebe que uma das características de todos os grandes pintores – pelo menos de todos os grandes pintores clássicos, nem tanto dos pintores contemporâneos – é o apagamento constante dos traços deixados pelo processo de produção. Muitas vezes, é necessário realizar análises altamente sofisticadas, com equipamentos muito modernos, para visualizar camadas sucessivas, porque, por trás de uma pintura, há outras, e por trás dessas, mais outras, e que todo um processo se desenvolveu até a obra final diante dos olhos, a qual é também produto do apagamento da produção de traços antigos, dos traços do processo que levou ao produto acabado.
> Apesar de muito importante e essencial, isso complica o problema, pois significa que os processos mais precoces, aqueles que são necessários para identificar as primeiras modalidades de simbolização, como a simbolização primária, não se evidenciam facilmente. Porque são, muitas vezes, retomados e reorganizados – não o tempo todo, mas assim com bastante frequência – sob o primado de organizações posteriores, de modo que, embora tenham permanecido, esses tendem a desaparecer. (ROUSSILLON, 2023, p. 140-141)

As origens desses processos de simbolização e representação são abordadas de maneiras distintas na literatura. Bion (2003) discute, a partir do conceito de “função alfa”, as primeiras formas de transformação da experiência emocional, à medida que, ainda bebê, o sujeito tem suas emoções e seus sentimentos acolhidos pela figura de cuidado. Dada a importância do outro nesse processo, é possível compreender os prejuízos associados ao encarceramento, à exclusão ou ao isolamento.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Estes marcadores de desenvolvimento dialogam com as elaborações teóricas de Roussillon (2023), especialmente com seus conceitos de simbolização primária e secundária. Essas elaborações podem ser colocadas em diálogo com o conceito de “função alfa”, de Bion (2003). Embora não se trate de conceitos equivalentes, essa aproximação permite discutir as condições de transformação e elaboração das experiências desde os primórdios do desenvolvimento psíquico. Desse modo, a articulação das contribuições dos autores possibilita compreender a constituição da capacidade simbólica como um processo de complexificação, no qual formas iniciais de representação podem adquirir novas possibilidades de organização e elaboração.

Waddell (2017) propõe uma análise sobre o desenvolvimento e as contribuições teóricas dentro da psicanálise, explorando a não linearidade desse processo e, consequentemente, suas irregularidades, como a presença de ansiedade, ou mesmo alternância de estados mentais descritos na obra de Klein (2023). A alternância de estados mentais e o desenvolvimento de mecanismos de defesa aprimoram o self, para que se torne crítico e próprio ao que a sociabilidade exige. Para tanto, a simbolização permite a inserção e elaboração de aspectos primordiais e vitais ao psiquismo de forma facilitada e contínua.

> As noções de crescimento e desenvolvimento sugerem uma progressão linear, que é mais diretamente descrita pela passagem cronológica do tempo do nascimento à morte. Há algo, no entanto, em relação a esses aspectos do desenvolvimento da natureza humana que a simples cronologia não consegue explicar. É o que alguns psicanalistas chamam de “estados mentais” (...) Cada estado mental singular, ainda que temporário, tem um impacto na personalidade como um todo. O grau de impacto varia conforme o efeito recíproco entre o estado de desenvolvimento particular envolvido e, dentro de tal estado, a atitude mental que é dominante em dado momento. (WADDELL, 2017, p. 28)

Dessa forma, o desenvolvimento humano pode ser compreendido como um processo contínuo de entrada e participação no mundo simbólico. Com o desenvolvimento da linguagem, o sujeito passa a nomear suas vivências, organizar suas emoções e construir narrativas sobre o que vive. Nesse sentido, a partir das contribuições de Levy (2022), pode-se compreender que o sofrimento pode estar relacionado à existência de hiatos ou falhas nesse processo de tradução, podendo manifestar-se, em determinadas circunstâncias, por meio de sintomas cuja compreensão não se apresenta de forma imediata. Aquilo que não encontra uma representação psíquica adequada não se organiza como um sofrimento "dizível", mas permanece como uma tensão difusa ou angústia. Como aponta Freud (2016) em seus escritos iniciais sobre os quadros

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

de histeria: "o histérico sofre sobretudo de reminiscências." (FREUD, 2016, p. 25). Esta afirmação, contudo, não se refere à memória consciente de um fato, mas à permanência ativa de uma marca simbólica que não foi devidamente elaborada. O sofrimento, portanto, não se sustenta pelo acontecimento passado em si, mas por sua insistência na organização psíquica atual.

3.2. Repetição e sofrimento

A repetição, conceito central para a compreensão do sofrimento, é discutida por Freud (2010a) em "Recordar, Repetir e Elaborar". O autor observa que o paciente não recorda o que foi recalcado, mas o expressa pela ação; ele o repete sem saber que o faz. A repetição não é apenas uma insistência do passado, mas a atualização de uma forma de estar no mundo que foi fixada simbolicamente. O sofrimento, sob esta ótica, deixa de ser um episódio isolado para tornar-se uma posição subjetiva, na qual o sujeito revive a experiência traumática em seus modos de relação e em seu sintoma. A simbolização em Freud (2010b), portanto, atua como um mecanismo de mediação. Ao transformar a excitação bruta em representação, o psiquismo cria a possibilidade de manejo do sofrimento.

No texto "Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental", Freud (2010a) descreve a transição do princípio do prazer para o princípio da realidade como um processo que exige a capacidade de adiar a satisfação imediata em favor de uma representação mediada. O sofrimento que emerge dessa renúncia pulsional é o preço da entrada na civilização e na ordem simbólica, conforme anunciado e descrito por Freud (2010d) posteriormente em "O Mal-Estar na Civilização".

Lacan (1998) radicaliza a tese freudiana ao situar o inconsciente e o sofrimento no campo da linguagem, ao discorrer sobre a importância da linguagem para o inconsciente, o que desloca o sofrimento do plano puramente afetivo ou biológico para o plano da significação. Para o sujeito lacaniano, a linguagem não só interpreta a realidade, como também é sua constituidora. O sofrimento não se dá somente no momento em que a experiência recebe um significante que passa a organizar a percepção do mundo pelo sujeito, mas pode ser compreendido a partir das relações com a linguagem e com a cadeia significante, por meio das quais a experiência pode adquirir diferentes sentidos e formas de inscrição psíquica. Significantes como “rejeição” ou “falta” não se reduzem à descrição de um acontecimento, mas também participam da própria organização da experiência do sujeito e de sua realidade psíquica como conceitos. Roussillon (2019) reforça a função metabolizante da simbolização, ao compreender que os materiais apresentados passam a integrar a subjetividade do sujeito na articulação de diversas tensões

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

que se apresentam durante o desenvolvimento do aparelho psíquico ou mesmo no exercício da prática clínica.

Lacan (2008) postula que "o significante representa o sujeito para outro significante". Isso implica que o sujeito não é algo substancial, mas algo que surge entre os significantes. O sofrimento, portanto, não é algo que o sujeito "tem", mas algo que o "representa" na cadeia simbólica. A dimensão do sofrimento em Lacan (2008) também está intimamente ligada ao conceito de "Grande Outro" — o tesouro dos significantes e o lugar da lei. A entrada do sujeito na linguagem é a entrada no campo do Outro. Como “o desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 2008, p. 223), o sofrimento também é mediado por este campo; a experiência de sofrimento é mediada pelo campo simbólico do Outro. O que se repete na clínica não é o fato traumático original, mas o lugar subjetivo produzido pelo significante que fixou o sujeito em uma posição de sofrimento.

Diferentemente da perspectiva representacional, Lacan (2008) e Françóia (2007) introduzem a dimensão do "Real" como aquilo que escapa à simbolização. O sofrimento mais agudo é, em uma de suas possibilidades, aquele que se encontra na borda do Real, onde a linguagem falha em nomear o que o sujeito vive. A angústia, para Lacan (2008), é o afeto que não engana, surgindo quando o sujeito se depara com o desejo do Outro sem a mediação do significante. Assim, o processo de simbolização é uma tentativa incessante de recobrir o Real com o Simbólico, e o sofrimento é o testemunho desse impasse permanente.

3.3. Trauma, dessimbolização e psicossomática

A análise cruzada de Freud (2010b) e Lacan (2008) permite compreender que o sofrimento exerce uma função ambivalente no processo de simbolização. Por um lado, o sofrimento pode paralisar a capacidade simbólica, fixando o sujeito em repetições mortíferas (a pulsão de morte freudiana), ao mesmo tempo que é o próprio sofrimento que impulsiona o sujeito em direção à fala e à busca de sentido; essa paralisação se mostra presente no processo do trauma. Em determinadas situações, o trauma, como descreve Freud (2010d), pode ultrapassar os recursos disponíveis para sua elaboração, dificultando sua transformação em representação, envolvendo as possibilidades de inscrição e elaboração de que o sujeito dispõe diante dele. A dificuldade em representar não significa, necessariamente, ausência absoluta de atividade psíquica, mas pode indicar uma limitação na capacidade de ligar e dar sentido à experiência. Essa perspectiva permite compreender a simbolização e a representação não apenas como capacidades gerais de produção de significados, mas como dois processos diferentes e fundamentais para a transformação da experiência em conteúdos que possam ser ligados,

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

representados e elaborados psiquicamente. Quando esse processo encontra obstáculos, o sofrimento pode assumir formas cuja significação não se apresenta imediatamente ao sujeito, exigindo um trabalho posterior de elaboração.

Todo este prejuízo descrito não afeta somente a convivência social, mas também os processos relacionados à saúde mental. Nesse sentido, Figueiredo e Coelho Junior (2021) compreendem a capacidade de elaboração e utilização — mesmo que inconsciente — de mecanismos para o enfrentamento do estresse e da falta que constitui o desejo como um aspecto importante da saúde mental. Nessa perspectiva, Meltzer (2022) e Green (2009) permitem compreender que o sofrimento não se relaciona exclusivamente à ausência de representação, mas também às dificuldades de integração dos conteúdos emocionais à realidade psíquica do sujeito. A dessimbolização seria diretamente o prejuízo ou incapacidade de transformar, elaborar e ressignificar essas experiências e afetos. Desse modo, algumas experiências podem permanecer pouco elaboradas ou encontrar dificuldades de expressão e compreensão, especialmente quando os processos de simbolização não oferecem condições suficientes para sua integração à realidade psíquica.

No contexto da discussão sobre os processos de dessimbolização, Green (2009) contribui por meio de seu conceito de trabalho do negativo, que abrange diferentes processos psíquicos importantes para a organização da realidade psíquica. Em suas diversas funções, o negativo participa dos processos de constituição e funcionamento da vida psíquica, relacionando-se à organização das representações e à elaboração das experiências emocionais. Nesse sentido, a frustração pode ser compreendida como um elemento relevante para o amadurecimento psíquico, na medida em que participa das experiências a partir das quais o sujeito desenvolve recursos para lidar com a falta e com os limites impostos pela realidade. Assim, Green (2009) permite compreender que prejuízos nos processos relacionados ao trabalho do negativo podem contribuir para dificuldades de organização e elaboração psíquica, estabelecendo uma possível relação com os fenômenos de dessimbolização. A noção de trabalho do negativo permite, assim, compreender como o psiquismo pode tentar afastar, apagar ou manter fora do campo representacional elementos que não conseguiu elaborar, ainda que esses elementos continuem produzindo efeitos por meio de repetições, vazios afetivos, inibições ou formas empobrecidas de simbolização.

Nesse contexto, Meltzer (2022) contribui para a discussão ao abordar as relações entre os sonhos, a simbolização e a elaboração das experiências emocionais. Em sua perspectiva, as dificuldades de simbolização podem assumir formas nas quais a função simbólica não favorece adequadamente a elaboração do material psíquico. É nesse contexto que se insere a discussão

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

acerca dos “antissímbolos”, compreendidos como formas que se afastam da função de representação e elaboração, podendo estar relacionadas a dificuldades de contato com determinados conteúdos emocionais e de elaboração desses conteúdos. Esse fenômeno pode apresentar-se como sintoma, ao comunicar a dificuldade do psiquismo em elaborar certos conteúdos, e também como mecanismo de defesa: a “mentira”, nesse exemplo, pode constituir um obstáculo ao processo psicanalítico.

Ao examinar as contribuições de Green (2009) e Meltzer (2022), Levy (2022) observa que a mentira, em uma de suas possibilidades de origem, pode surgir como resposta a um sofrimento decorrente do contato com uma verdade vivenciada como “insuportável”, podendo resultar na criação de “antissímbolos”, surgidos com a intenção de evadir qualquer enfrentamento ou contato com o material de origem traumática ou estressora.

Podemos também apontar as investigações e propostas teóricas de McDougall (1996) sobre as dificuldades nos processos de simbolização e elaboração psíquica, que podem estar relacionadas, entre seus efeitos, a determinadas formas de expressão corporal do sofrimento. Para McDougall (1996), as pulsões buscam vias de descarga e expressão, entre as quais se encontram os processos de representação e simbolização. Quando essas vias apresentam limitações em sua capacidade de sustentar a elaboração da experiência psíquica, determinadas formas de descarga podem assumir uma dimensão corporal, constituindo uma questão importante para a compreensão dos fenômenos psicossomáticos. O corpo, portanto, pode tornar-se uma via de expressão quando outras vias não se mostram suficientes. Em sua obra, a autora comenta suas observações acerca do funcionamento desses quadros:

> Baseando-me nessa época nas minhas próprias observações, a princípio pensei que, devido à existência de uma clivagem nítida entre a psique e o soma, meus pacientes somáticos não percebiam suas emoções em situações angustiantes: as ideias associadas a qualquer afeto conflituoso importante não eram recalcadas como nas neuroses, mas imediatamente apagadas do campo da consciência (o mecanismo que Freud em 1918 chamou de Verwerfung - forclusão - a propósito dos estados psicóticos).
> O estudo de trabalhos de especialistas acerca das manifestações psicossomáticas da primeira infância me fez compreender que meus pacientes adultos às vezes funcionavam psiquicamente como bebês que, não podendo utilizar as palavras como veículo de seu pensamento, só conseguiam reagir psicossomaticamente a uma emoção dolorosa. (MCDOUGALL, 1996, p. 10).

Ceron (2020) relaciona as teorias psicossomáticas apresentadas às propostas psicanalíticas de Winnicott (2022), buscando compreender o desenvolvimento que favorece o

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

aparecimento desses quadros. Winnicott (2022), psicanalista e pediatra, observou a relação mãe-bebê e elaborou conceitos para compreendê-la. Em seu artigo, Ceron (2020) dialoga com os conceitos de holding e cuidado materno como parte do processo de integração entre corpo e psique. Assim, atribui à dimensão somática não apenas um caráter patológico, mas também um papel fundamental no funcionamento psíquico, uma vez que, em sua articulação teórica, o corpo precisa estar integrado ao psiquismo.

3.4. A simbolização e o social

Considerando o desejo do outro como referencial para a constituição de seu próprio desejo, Lacan (1998) explana a necessidade do convívio e da validação perpetuada pelo outro; Lacan fundamentou-se nas ideias de Politzer (2022) para contornar algumas questões da psicanálise freudiana, para que uma nova compreensão a respeito da subjetividade ganhasse campo no patamar de ciência concreta. Neste período, a posição lacaniana é bem precisa: reordenar as noções metapsicológicas, construir uma teoria psicológica que desvie de uma compreensão organogenética do que é o mental e atribuir um caráter à realidade humana a partir da realidade social. Lacan fundamentou seu projeto pelo viés de uma antropogênese que permitisse pensar o meio social como o lugar da possibilidade para a subjetividade.

No entanto, a importância do campo social para o símbolo criado pelo sujeito, e a influência deste em seu meio, não foi explorada unicamente por Lacan (1998), mas sim por diversos autores contemporâneos e anteriores a ele. Freud (2011; 2012) já salientava que não só o indivíduo não poderia existir sem que houvesse seu meio social, como também sua psicologia não poderia se ausentar da análise de aspectos sociais, como fez nos movimentos de massa ou, por exemplo, nos fenômenos de totemismo e incesto. Ainda em outras perspectivas, os estudos sobre o desenvolvimento da criança de Bion (2003) e Winnicott (2022) reforçaram a necessidade de um outro ser humano, que não só se evidencia pela biologia, como pelo psiquismo, que se modela e produz seus desejos possuindo como suporte, nomeador ou como em Lacan (1998; 2008), um espelho do outro.

Na esfera social, o sujeito passa a vivenciar diversos tipos de sofrimento na convivência com o outro ou com o grupo; passa a danificar sua sociabilidade, entre outros motivos, em contato com a violência. Em sua obra, Žižek (2015) explora a plasticidade da violência, adentrando em fenômenos como a violência simbólica. Partindo de sua produção teórica, aprofunda a violência tal como o mecanismo simbólico, uma vez que através do disfarce inconsciente, os conteúdos reprimidos podem comparecer ao discurso consciente, mesmo que de forma fragmentada. Em um trecho, afirma: “(...) a violência simbólica, que não é menos real

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

por ser simbólica, cumpre a função de tornar possível a violência real. Mais que isso, torna-a invisível.” (ŽIŽEK, 2015, p. 212)

Esta característica discutida integra o debate e historiografia sobre os discursos de exclusão, ódio ou mesmo invalidação. Em “O Futuro de uma Ilusão” e “O Mal-Estar na Civilização”, Freud (2010c; 2010d) discute a violência, sua proibição, e, simultaneamente, passa a descrever um mecanismo coletivo de repressão, simbolização e aceitação destes símbolos que essencialmente guiam a percepção do sujeito. Reconhece esse caráter pela menção ao conflito entre a ambivalência (existência de duas vias de desejo simultâneas) e o assassinato do grande pai, que, ocupando espaço como figura simbólica, foi a primeira e possivelmente maior demonstração de ordem.

Maciel (2020) busca, por meio da revisão da obra do teórico Erich Fromm, que possui influências humanistas, histórico-materialistas, dialéticas e psicanalíticas, compreender os impactos deste cerco proposto à subjetividade e ao processo de simbolização, concluindo que a ausência de liberdade associada às questões materiais, nomeadas pelo conceito de Ter, configura-se como um dos principais fatores para o mal-estar na civilização moderna. Nesse sentido, Fromm (2024) destaca que o valor do indivíduo está atrelado à posse, ao controle e ao acúmulo de bens e capital. Ao longo do seu desenvolvimento, o sujeito é levado a entender que o seu valor social varia em função de regras externas preestabelecidas. Trata-se de um processo que, por conseguinte, compromete sua subjetividade e limita seus esforços de existência autêntica, criativa e relacional. Diante dessa perspectiva, as relações humanas passam a assumir um viés utilitário. Portanto, o sofrimento pode emergir como efeito de uma adaptação forçada a um modo de vida que tenta padronizá-lo e invalidar suas potencialidades humanas. Nesse cenário, tal processo compromete o desenvolvimento da simbolização e a construção de sentido acerca das próprias experiências.

3.5. Linguagem, alteridade e tratamento

Freud (2010a) aponta que a cura se produz pela transformação do "não-dito em dito". Elaborar não significa apagar o passado, mas reinscrevê-lo. Na perspectiva lacaniana, isso se traduz no deslocamento do sujeito na cadeia significante: ao narrar sua história, o sujeito não altera os fatos, mas altera o lugar que ocupa frente a eles. O sofrimento deixa de ser uma identidade ("eu sou sofredor") para tornar-se um elemento da história ("eu sofri por tal marca").

A simbolização, portanto, não é um processo que ocorre uma única vez, mas uma tarefa contínua. O sofrimento influencia este processo ao testar os limites da capacidade do sujeito de dar nome ao que vive. Quando o sofrimento é excessivo, pode ocorrer o que é chamado de

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

dessimbolização, na qual, como descrito por Green (2009), Levy (2022) e Meltzer (2022), o sujeito pode não conseguir elaborar e transformar conteúdos carregados de sofrimento, como também, criar novos símbolos distorcidos, que afastam o sujeito de sua verdade dolorosa; como Ceron (2020) analisa, há também a possibilidade de o sujeito manifestar estes sintomas através da descarga motora ou da somatização.

Neste sentido, McDougall (1996) e Fink (2017) ampliam esse entendimento a partir dos casos expostos em seus respectivos livros, destacando a importância da tomada de consciência dos afetos e da verbalização dos desejos e sofrimentos. Essa elaboração pode contribuir para que as dificuldades de simbolização não se expressem apenas por meio de sintomas ou manifestações psicossomáticas.

Tabela 1. Quadro sintético do *corpus* analisado

Seção e categoria de análise	**Todos os autores citados na seção**	**Principais conceitos e temas**	**Contribuição para a discussão**
3.1 Constituição da capacidade simbólica	Baudrillard (1991); Bion (2003); Cassirer (2021); Freud (2010a; 2010b; 2012; 2016); Klein (2023); Lacan (1998); Laplanche e Pontalis (2001); Levy (2022); Peirce (2020); Roussillon (2023); Waddell (2017).	Símbolo e cultura; representação de coisa e de palavra; recalque; destinos do afeto; função alfa; simbolização primária e secundária; mentalização; estados mentais; reminiscências.	Discute a constituição da capacidade simbólica e suas relações com cultura, desenvolvimento, representação, linguagem e elaboração das experiências emocionais.
3.2 Repetição e sofrimento	Françóia (2007); Freud (2010a; 2010b; 2010d); Lacan (1998; 2008); Roussillon (2019).	Repetição; recordar e elaborar; princípio do prazer e da realidade; renúncia pulsional; cadeia significante; Outro; Real; angústia.	Relaciona repetição e sofrimento aos modos de inscrição e elaboração da experiência e às possibilidades e limites da simbolização.
3.3 Trauma, dessimbolização e psicossomática	Ceron (2020); Figueiredo e Coelho Junior (2021); Freud (2010b; 2010d); Green (2009); Lacan (2008); Levy (2022); McDougall (1996); Meltzer (2022); Winnicott (2022).	Trauma; falhas de representação; dessimbolização; trabalho do negativo; antissímbolos; defesas; psicossoma; expressão corporal; holding; integração corpo e psique.	Articula obstáculos à elaboração psíquica, processos de dessimbolização e formas de expressão corporal do sofrimento, considerando as condições de integração entre corpo e psique.
3.4 A simbolização e o social	Bion (2003); Freud (2010c; 2010d; 2011; 2012); Fromm (2024); Lacan (1998;	Constituição social da subjetividade; desejo do outro; cultura; massas; totemismo;	Situa a simbolização nas relações com o outro, a cultura e as condições sociais, discutindo

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

	2008); Maciel (2020); Politzer (2022); Winnicott (2022); Žižek (2015).	violência simbólica; repressão; ter e ser; liberdade; mal-estar.	violência, padronização e restrições à subjetividade.
3.5 Linguagem, alteridade e tratamento	Ceron (2020); Fink (2017); Freud (2010a); Green (2009); Levy (2022); McDougall (1996); Meltzer (2022).	Fala; verbalização dos afetos e desejos; elaboração; reinscrição; dessimbolização; antissímbolos; descarga motora; somatização.	Discute a elaboração do sofrimento pela fala e o tratamento das dificuldades de simbolização, incluindo seus efeitos sintomáticos e psicossomáticos.

Fonte**:** elaborado pelos autores a partir do corpus, metodologia e referências do artigo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura psicanalítica analisada permite compreender o sofrimento psíquico não como consequência direta e uniforme dos acontecimentos, mas em relação aos modos pelos quais as experiências são inscritas, representadas e elaboradas psiquicamente. No referencial teórico analisado, a clínica psicanalítica atribui à fala a função de possibilitar novas inscrições e elaborações do sofrimento. O sofrimento, embora doloroso, é o que convoca o sujeito ao trabalho de simbolização. Assim, na perspectiva teórica adotada, o processo de análise pode constituir um espaço no qual esse trabalho seja retomado, quando a linguagem, por si só, tornou-se insuficiente para conter o Real da experiência.

Embora fundamentada em teorias de viés psicanalítico, a simbolização não diz respeito apenas ao ambiente clínico, mas também a práticas educacionais e integradoras que reconheçam o outro como sujeito, portador de símbolos que se articulam ao seu modo de vida e pensamento. Portanto, este estudo não se restringe à clínica psicanalítica, uma vez que propõe novos olhares sobre a pessoa, a saúde, o cuidado e a prática terapêutica, reconhecendo a importância do discurso e de seu potencial no manejo do campo afetivo.

É importante destacar como limitações a restrição linguística dos materiais selecionados, com a priorização de produções escritas em português; o predomínio da literatura teórica no conjunto analisado; a utilização do Google Acadêmico como uma das bases centrais de busca; e a heterogeneidade das tradições conceituais reunidas. É de suma importância considerar essas limitações na interpretação dos resultados, pois o estudo não buscou avaliar empiricamente a eficácia das intervenções terapêuticas, mas analisar e articular contribuições teóricas sobre a relação entre sofrimento e simbolização.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. 1. ed. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BION, W. R. **O aprender com a experiência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.

CERON, G. G. As contribuições de Donald Woods Winnicott para a psicossomática. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 127-154, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 fev. 2026.

FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JUNIOR, N. E. **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2021.

FINK, B. **Fundamentos da técnica psicanalítica**: uma abordagem lacaniana para praticantes. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2017.

FRANÇÓIA, C. R. O simbólico e a clínica psicanalítica: o início da teoria lacaniana. **Revista AdVerbum**, São Paulo, v. 2, p. 87-101, 2007. Disponível em: https://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/editorialadverbum.html. Acesso em: 15 abr. 2026.

FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. (Obras completas, v. 10).

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. (Obras completas, v. 12).

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão e outros textos** (1926-1929). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. (Obras completas, v. 17).

FREUD, S. **O mal-estar na civilização e outros textos** (1930-1936). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. (Obras completas, v. 18).

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 15).

FREUD, S. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras completas, v. 11).

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria** (1893-1895). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, v. 2).

FROMM, E. **Ter ou ser?**: uma introdução ao pensamento humanista. 1. ed. São Paulo: Paidós, 2024.

GREEN, A. **O trabalho do negativo**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros ensaios**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

LACAN, J. **Escritos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEVY, R. **A simbolização na psicanálise**: os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2022.

MACIEL, F. A patologia da normalidade: Erich Fromm e a crítica da cultura capitalista contemporânea. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 22, n. 55, p. 262-288, set. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/7JGbZjKWtntknfVV6TMZsRf/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 15 abr. 2026.

MCDOUGALL, J. **Teatros do corpo**: o psicossoma em psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MELTZER, D. **Vida onírica**: uma revisão da teoria e da técnica psicanalítica. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2022.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da psicologia e outros escritos**. 1. ed. [S. l.]: LavraPalavra, 2022.

ROUSSILLON, R. **Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2019.

ROUSSILLON, R. **O narcisismo e a análise do eu**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2023.

WADDELL, M. **Vida interior**: psicanálise e desenvolvimento da personalidade. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2017. E-book. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br. Acesso em: 29 jan. 2026.

WINNICOTT, D. W. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

ŽIŽEK, S. **Violência**: seis reflexões laterais. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.